

Fechar este vigésimo volume da *Revista Estudos Feministas* é uma grande realização. São vinte anos de trabalho intenso na divulgação e no debate sobre feminismo, gênero, mulheres e sexualidades no campo acadêmico, mas também militante.

A REF teve seu primeiro número, n. 0, editado em 1992 no Rio de Janeiro, inicialmente por meio do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC) da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a partir do volume 3 (número 1, em 1995) em parceria entre o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS/UFRJ) e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCS/UERJ) e desde a edição do volume 4 (número 1, em 1996) através do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS/UFRJ). Entre 1992 e 1998, foram editados 15 números da Revista, sendo um em inglês, com uma seleção de artigos previamente editados, e um número especial sobre a Conferência Brasil, França e Quebec. Em 1999, foi editado apenas um número, já através de um trabalho conjunto entre o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) e o Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (CFH/UFSC). A partir do ano 2000, a REF passou a ser editada na Universidade Federal de Santa Catarina pelo grupo que hoje forma o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e que congrega professoras de diversos departamentos da UFSC e também da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Desde então foram publicados 35 números na UFSC. Entre 1992 e 2003, a Revista era semestral (2 números por ano), tornando-se quadrimestral (3 números por ano) a partir de 2004. O número 2 de 2012 atingiu a marca dos 50 números publicados pela Revista.

Para comemorar essa realização e discutir os desafios que se colocam a partir de agora, estamos realizando, entre os dias 07 e 09 de novembro, o Colóquio Militância e Academia nas Publicações Feministas: 20 anos da *Revista Estudos Feministas*, no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Esse evento objetiva proporcionar a oportunidade do diálogo e intercâmbio entre publicações feministas acadêmicas e do terceiro setor no Brasil que possibilite a reflexão no campo dos estudos de gênero e a troca de experiências, reforce as redes existentes, inclua as novas publicações nessas redes, pense

Copyright © 2012 by Revista Estudos Feministas.

políticas e questões prioritárias. Nesses dias editoras e editores de revistas acadêmicas e de publicações militantes estão reunidos para discutir os desafios das publicações, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista editorial e político, e para reforçar o diálogo e as conexões entre as diversas publicações. Apoiam o evento a Capes, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e a UFSC.

No primeiro artigo deste número que completa o volume 20 da REF, “Genealogías feministas: sobre mujeres, revoluciones e Ilustración. Una mirada desde el sur”, a filósofa argentina e feminista Alejandra Ciriza Jofré nos apresenta uma reflexão sobre a história das mulheres na América Latina, buscando pensar essa história sob um ponto de vista genealógico. Para isso a autora toma os temas da participação das mulheres nas revoluções de independência nos países latino-americanos e da relação das mulheres com o pensamento da Ilustração para discutir a construção de genealogias feministas na história dessa região.

O artigo “Gênero e deficiência: interseções e perspectivas”, elaborado por Anahi Guedes de Mello e Adriano Henrique Nuernberg, ressalta o fato de que, apesar dos avanços dos estudos feministas e de gênero em relação à interseccionalidade das categorias trazidas à análise nas pesquisas realizadas nesse campo, a questão da deficiência tem sido a grande esquecida. O texto busca avaliar possibilidades de relações entre os estudos de gênero e os estudos sobre deficiência, apontando para o potencial desse diálogo, em relação à implementação de políticas públicas para deficientes que levem em consideração as questões de gênero. Trazendo à análise temas como corpo, feminilidades, masculinidades, cuidados, sexualidades, direitos reprodutivos, violências de gênero, sempre referidos à questão da deficiência, a/o autor/a enfatizam a importância da incorporação dessa categoria nos estudos feministas e de gênero.

“Aborto e democracia” é o tema do artigo de Luis Felipe Miguel que enfoca o debate político sobre o aborto no Brasil e como ele se liga às questões da laicidade do Estado, da cidadania e da democracia. Para o autor, o forte peso da Igreja Católica na vida política brasileira não é suficiente para explicar a grande dificuldade que os movimentos feministas têm tido para levar à frente o debate sobre a descriminalização do aborto e sua realização assistida. O artigo explora, portanto, a questão do aborto de um ponto de vista político e o situa numa ampla discussão sobre o Estado brasileiro.

No artigo “Innovación en el lenguaje político con palabras de género implícito: a vueltas con las críticas”, Fernando Centenera Sánchez-Seco analisa as críticas veiculadas em periódicos espanhóis sobre a utilização feminizada de palavras andróginas de gênero implícito, que têm sido feminizadas em discursos políticos atuais, no

Parlamento espanhol, como afirmação da crescente importância da participação das mulheres nesses espaços públicos de poder, tradicionalmente masculinos e marcados pelo sexismo linguístico. Palavras como *cancillera*, substituindo *canciller* (que pode ser empregada tanto para homens como mulheres, dependendo da contextualização), muito usada a partir da eleição de Ângela Merkel na Alemanha, ou *miembra*, que provocou grande polêmica midiática quando utilizada por ex-ministra espanhola em discurso no Parlamento. O autor faz uma desconstrução cuidadosa das críticas, e o artigo tem particular interesse, pois podemos encontrar analogias com as críticas que se repetiram na mídia brasileira com palavras como *presidenta*, utilizada por Dilma Rouseff.

O artigo de Fabíola Langaro e Mériti de Souza, "(Des)construções do masculino e do feminino na relação de mulheres-mães com seus filhos e filhas", enfoca a relação entre mães e seus filhos e filhas a partir das categorias "masculino" e "feminino". Ao problematizar essa relação, as autoras utilizam a ideia da desconstrução de Derrida para evidenciar a lógica falologocêntrica que sustenta os atributos designados às mulheres e aos homens, bem como problematizar binarismos que sustentam o feminino e o masculino.

Os textos a seguir se constroem em torno da questão do trabalho feminino, reafirmando a importância desse tema para os estudos de gênero ainda hoje. No artigo intitulado "Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento", Maria Cristina Maneschky, Deis Siqueira e Maria Luzia Miranda Álvares refletem sobre o crescimento dos estudos que abordam, sob uma perspectiva de gênero, o setor pesqueiro, campo de trabalho em que as mulheres estiveram, costumeiramente, invisibilizadas. Argumentando que o silêncio sobre a questão feminina na pesca está articulado à situação de vulnerabilidade que caracteriza grande parte das comunidades pesqueiras em diferentes lugares, as autoras identificam os movimentos de mulheres pesqueiras que surgiram em países do "sul" e do "norte". Movimentos de mulheres trabalhadoras questionando o *status quo* e as hierarquias de poder nas relações de trabalho; lutando por reconhecimento e direitos de cidadania, pelo protagonismo das mulheres, envolvidas com as reivindicações de gestão comunitária dos recursos naturais. As autoras reconhecem, no entanto, que, apesar das conquistas políticas desses movimentos, as mulheres pescadoras não têm conseguido destituir integralmente a expressão do poder do mando masculino nas comunidades e nas famílias.

O artigo "La transformación tecnológica del sector agropecuario en la provincia de Córdoba y sus repercusiones sobre la mujer y la familia rural", de Eugenia Perona, analisa o setor agropecuário da província de Córdoba, Argentina, de uma perspectiva ecofeminista. A autora apresenta as inovações

tecnológicas no setor, como o uso de máquinas agrícolas, sementes, adubos e químicos diversos, de um ponto de vista crítico, especialmente por demonstrar que o uso dessas tecnologias não parece alterar os lugares sociais das mulheres. Para isso a pesquisa utiliza extensamente dados importantes sobre produção agropecuária, uso das tecnologias, emprego, bem-estar e pobreza das populações rurais nessa região.

O trabalho de mulheres em um frigorífico de aves no interior de Santa Catarina é objeto do estudo de Laila Priscila Graf e Maria Chalfin Coutinho, intitulado “Entre aves, carnes e embalagens: divisão sexual e sentidos do trabalho em abatedouro avícola”. Partindo da psicologia do construcionismo social, as autoras analisam a divisão sexual de trabalho e especialmente a construção de sentidos para o trabalho a partir de entrevistas e observações realizadas no frigorífico. As questões levantadas apontam para uma importante conexão entre o trabalho no frigorífico e o trabalho doméstico, pois a produção de sentidos sobre um e outro está perpassada pela divisão sexual do trabalho.

No texto “Desocupación, trabajo doméstico y desigualdad: una mirada desde el uso del tiempo en Rosario, Argentina”, María Andrea Delfino apresenta análises sobre pesquisa que desenvolveu em 2006 com um grupo de mulheres e homens desempregadas/os, assistidas/os pelo Estado argentino através do Programa de Jefas e Jefes de Hogar Desocupados (PJJHD). A autora analisa a divisão do trabalho realizado na residência por mulheres e homens, considerando que as transformações atuais no mercado de trabalho e nos sistemas de bem-estar social provocam tensões e inadequações entre os recursos disponíveis e as necessidades familiares, que são enfrentadas com o incremento do trabalho doméstico não remunerado. Os resultados da pesquisa, ao mesmo tempo que corroboram com estudos que comprovam a participação maior das mulheres nos afazeres domésticos em sentido restrito e nas atividades de cuidados, contrapõem-se a pesquisas que assinalavam uma participação mais igualitária de homens e mulheres nas atividades de compras e gestão externa ao grupo familiar, exercidas com expressividade pelas mulheres no estudo que realizou.

O artigo de Rebeca Contrera Ávila e Écio Antônio Portes, “A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos”, apresenta reflexões sobre pesquisa com mulheres de camadas populares que realizavam cursos noturnos em universidade pública no interior de Minas Gerais. Foram entrevistadas 15 mulheres, que relataram suas trajetórias de estudos e trabalho, pondo em evidência as desigualdades na divisão do trabalho doméstico. Mulheres com carreiras de estudo interrompidas e retomadas, de forma instável, em função de atuarem em empregos

remunerados e serem as principais responsáveis pelos trabalhos da casa e de cuidados na família. As entrevistadas, que tinham consciência daquilo que gostariam de fazer e do que realmente era possível ser feito, sentiam-se divididas entre as inúmeras atribuições assumidas, mas se negavam, segundo a/o autor/a, a ter que escolher entre isto ou aquilo.

A seção Ponto de Vista apresenta entrevista realizada por Sonia Alvarez com Luiza Bairros, que hoje ocupa cargo de ministra na estrutura de governo brasileiro e cuja trajetória nos movimentos negros e feministas é amplamente conhecida por todas/os. A entrevista com Luiza Bairros vem contribuir para ampliar as fronteiras dos debates acadêmicos no campo dos estudos feministas e em suas ligações com os movimentos sociais, um dos principais propósitos da REF.

Na seção de artigos temáticos Textualidades literárias e seus sujeitos femininos, são discutidas abordagens críticas e teóricas em torno de nomes, épocas, temas e obras. Paulo Jonas de Lima Piva e Fabiana Tamizari, em seu artigo “Luzes femininas: a felicidade segundo Madame du Châtelet”, analisam a questão ética da felicidade apresentada pelo pensamento de Émilie du Châtelet (1706-1749), filósofa ainda desconhecida no contexto brasileiro, mas de extrema importância para uma compreensão do Século das Luzes ainda não bem percebida: a sensibilidade e as angústias das mulheres de vanguarda da França pré-revolucionária.

Marina Becerra, em seu artigo “¿Qué quieren las mujeres? Ciudadanía femenina y escrituras de la intimidad en la Argentina de inicios del siglo XX”, desdobra as inquietações do socialista Enrique Del Valle Iberlucea, uma das primeiras vozes masculinas que defendem os direitos das mulheres, para, a partir dele, analisar como se dava a noção de cidadania pela própria voz de uma escritora ainda pouco estudada, Ada María Elflein (1880-1919).

Em um encontro que poderia ser inusitado, Alessandra Matias Querido, no artigo “Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo”, apresenta os conceitos de autorrepresentação e identidade e as relações entre o autorretrato e a autobiografia, aproximando e comparando o livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e os autorretratos de Frida Kahlo, passando por reflexões em torno de questões importantes para o *corpus* textual abordado, como dualidade, multiplicidade e ilusão.

Em uma outra geografia, em um outro mapa e em uma outra trama, Ana Maria Chiarini nos traz “A migrante e o xamã: agentes transculturadores em dois romances italianos contemporâneos”: *Apri le porte all'alba*, de Elena Gianini Beloffi, e *L'indigenza*, de Elvira Seminara. Neles foi possível analisar as funções exercidas pelas trabalhadoras migrantes, funções que superariam em muito aquelas meramente técnicas de

manutenção da higiene e do bem-estar pessoal. Daí a possibilidade de se ler a função simbólica da atuação formal dessas mulheres.

Em “Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção”, Magda Guadalupe dos Santos mostra a revisão do pensamento da autora nas últimas décadas através de um caminho ainda não trilhado por outras leituras, o da sutileza de sua escrita. O feminino é tomado como a personagem principal dos textos filosófico-literários, em sua dimensão de subjetividade e alteridade, em busca da redefinição do sentido do que ela chama de simetria estética.

Amalia Ortiz de Zárate Fernández e Rodrigo Browne Sartori, em “Escritura femenina y cruce de culturas: aplicaciones en la dramaturgia de Caryl Churchill”, apresentam um artigo a partir da ideia de que a escrita das mulheres é uma das estratégias para enfrentar os mecanismos patriarcais construídos pela lógica ocidental e como os cruzamentos entre gênero e cultura são levados para o texto teatral, tal como o fez o contemporâneo dramaturgo britânico Caryl Churchill.

Fechando o volume 20 da *Revista Estudos Feministas*, várias autoras e autores apresentam resenhas de publicações recentes cuja leitura interessa ao campo dos estudos feministas e de gênero e que recomendamos a nossas leitoras e leitores.

Cristina Scheibe Wolff, Mara Coelho de Souza Lago e
Tânia Regina Oliveira Ramos